

Prefácio do livro *Memória do Povo – Vozes de Mestres*

por Adair Rocha¹

Antes, como folião de reis da Companhia do Monjolinho (na territorialidade limítrofe da “Praia”, “Santana”² e Pouso Alegre), comandada pelo grande e sábio mestre Antônio Adão, com auge nos anos 1960 e 70, e hoje como gestor público do Ministério da Cultura, sinto-me absolutamente comprometido e compromissado com “jornadas” que dão significado à nossa história, e especialmente a este pedaço do sul das Gerais, do qual parte da memória é lembrada.

Agradeço, portanto, a honra de fazer o prefácio deste livro de memória, que versa sobre a diversidade de saberes, representada aqui por alguns dos mestres.

Quero cumprimentar a Prefeitura, a Secretaria de Cultura e a Câmara de Vereadores de Pouso Alegre por assumirem uma política pública de cultura em consonância com a política pública que o Ministério da Cultura desenvolve nacionalmente, na chamada gestão territorial, isto é, como Município, Estado e União desenvolvem políticas culturais que interessam à população. Objetivamente, na política orçamentária que indica como a cultura está sendo avaliada, ao mesmo tempo que dá acesso a todos os grupos culturais. Para além do já acentuado cuidado do poder público com a cultura – e muito especialmente com a diversidade da cultura popular –, o grande ponto em questão nesta publicação é a relevância da história do povo através das vozes de seus mestres.

Assim, a companhia de reis, a congada, a recomendação, o benzimento, a música sertaneja, as festas dos padroeiros e as festas do rosário enfeitam e ressignificam o encontro da população.

A própria arte, nestas memórias batizadas de artesanato, inspira-se nas celebrações e no cerzimento do lazer, com “expressões de fé” e com a habilidade da tradução dos saberes implicados na vida.

À medida que se atribui à organização, à sistematização e à teorização dos saberes o estatuto de seu significado, entende-se o que é um mestre e a necessidade de que ele e ela sejam reconhecidos academicamente para que as escolas e todas as instituições possam tê-los(as) entre seus mestres, como fonte de conhecimento da diversidade das tradições.

O que faz com que as pessoas se reencontrem, seja ampliando seus núcleos familiares ou revitalizando-se para os momentos seguintes, lá no Pantano São José, nos Afonsos, na “Praia do Melado”, em “Santana” etc., se não a cultura que marca a origem, o significado e a esperança do encontro?

A partir daí, a política, o associativismo, o desenvolvimento econômico e a formação profissional ganham sentido comum e coletivo, porque cultura é memória, é sabedoria, é restauração, é política, é patrimônio material e imaterial. É, enfim, expressão da vida, em tudo o que ela significa.

E toda expressão cultural que perpassa classes sociais e diferenças ideológicas, confessionais e étnicas deve receber o mesmo tratamento público. E à medida que se descobre a importância política da cultura, avança-se para políticas públicas como estamos cada vez mais experimentando.

As novas tecnologias e as conquistas locais e globais da linguagem, da imagem, do ritual e da simbologia que identificam e diversificam, transformam-se a cada dia em instrumentos de poder, especialmente dos que passam a acessar a potencialidade de sua identidade que é a diversidade.

Está em curso, portanto, livros como este, bem como os projetos de documentários, filmes e tantos instrumentos e métodos que darão às escolas, aos equipamentos culturais e aos espaços urbanos e rurais, dedicados às expressões dos bens simbólicos e reais, novas possibilidades de formação e qualificação, mais adequadas ao campo profissional, mas sobretudo à vida que palpita nessa benção que este livro tão bem capta.

Mas o que é mesmo uma bênção é este eixo ou esta estrutura brasileira-afro-luso, com a forte ramificação indígena da América, com trocas europeias e orientais, capaz de tecer e cerzir da vendinha na roça à birosca na favela, dos cavalos e carros ao balé e à orquestra, do mutirão (urbano ou rural) às peças com Fernanda Montenegro e Marília Pera, cujas representações simbólicas são capazes de forjar a sabedoria da cultura brasileira.

Eis a potência e o saber de nossos mestres, que nos brindarão nesta publicação com alguns dos fatos e acontecimentos que fazem nossa história.

Por isso quero parabenizar as autoras, que, nesse processo de passagem de saber, tornam-se também mediadoras da memória dos mestres, por este presente que não cabe num embrulho, porque ele se enleia em forma de rede.

¹ **Adair Rocha**, doutor em comunicação pela UFRJ, é chefe da Representação Regional do Ministério da Cultura (MinC) no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, professor universitário, articulista das áreas de comunicação, cultura e movimentos sociais e autor do livro *Cidade Cerzida: a costura da cidadania no morro Santa Marta* (2005).

² Nomes tradicionais de Espírito Santo do Dourado e Silvianópolis, respectivamente.